

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: PERCEPÇÕES E MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS

Carolina do Carmo Castro ¹

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar as representações de gênero na literatura infantil, tendo como objetivo demonstrar que esta mesma literatura pode favorecer a desconstrução de preconceitos com relação à questão de gênero. Defende-se que tendo a literatura um aspecto social, os valores nela apresentados podem modificar o comportamento infantil, uma vez que, a mesma enquanto elemento formador pode se tornar agente no enfrentamento e combate as discriminações presentes na sociedade, no âmbito escolar e muitas vezes ainda reproduzidos na prática educativa pelos professores. O referencial teórico-metodológico utilizou-se da pesquisa bibliográfica por meio da leitura de autores como ABRAMOVITCH (1989), COELHO (2000) e ZILBERMAN (2003). Tais referências apontam que a literatura infantil mostra de modo figurado acontecimentos importantes presentes na nossa história, desenvolvendo na criança o senso crítico, imaginação, emoções, dentre outros. Por fim, realizou-se uma investigação sobre a relação de gênero na literatura infantil, no qual evidenciam-se que as histórias tanto podem construir e reforçar desigualdades de gênero quanto são capazes de desconstruir estas mesmas desigualdades, visto que, a literatura possibilita a criança compreender o que está a sua volta, proporcionando novas experiências, resultando no respeito à diversidade seja de gênero, etnia ou cultura.

Palavras-chave: Gênero, Literatura infantil, Diversidade.

INTRODUÇÃO

Atualmente vive-se cercado por informações que chegam de maneira instantânea e a leitura crítica destes dados tornam-se cada vez mais necessária. A prática da leitura possibilita ao indivíduo o conhecimento acerca de sua respectiva manifestação cultural, e o período da infância é a fase em que se criam hábitos para uma vida toda. Portanto, é fundamental que se estimule nas crianças o prazer pela leitura principalmente neste momento de descobertas.

Observa-se que a literatura infantil proporciona a elaboração do senso crítico, imaginação, pensamento, além de inúmeras emoções, entretanto percebe-se uma literatura infantil marcada por interferências da classe dominante, na qual se configuram desigualdades de gênero e preconceitos.

Posto isso, a literatura tanto pode ser utilizada como meio de validação das desigualdades de gênero e sociais quanto pode ser um instrumento de desconstrução de valores

¹ Professora efetiva do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Itaberaí, Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: carolina.castro@ueg.br;

opressores a determinados grupos. Associar literatura às questões de gênero no universo escolar propicia a construção de um ambiente escolar mais democrático e inclusivo.

Ao considerar a influência sociocultural na literatura infantil brasileira, a metodologia do trabalho, busca no primeiro momento, contextualizar esta literatura quais os tipos de reprodução cultural estão presentes na mesma. Em seguida, apresenta-se a conceitualização de gênero, evidenciando a necessidade de uma literatura sem foco na condição biológica das crianças.

Para finalizar, apresentam-se as relações de gênero em duas narrativas da literatura infantil, a primeira é “A Bela Adormecida”, na qual retrata comportamentos tradicionalistas e estereótipos femininos e masculinos já a segunda é “A Princesa Sabichona”, que desconstrói as representações de gênero menos contemporânea.

Espera-se com este artigo demonstrar a importância em trabalhar obras literárias infantis de maneira dinâmica, utilizando-as como um recurso pedagógico que possa colaborar na promoção de discussões em relação a gênero junto às crianças.

BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil tem inúmeros momentos históricos, tendo como objetivo a formação do sujeito, porém, para abordar sobre literatura infantil, de modo generalizado, deve-se voltar ao surgimento da concepção de infância, visto que, a partir do conhecimento desses novos sujeitos surge a literatura destinada aos mesmos, em meados do século XVII e XVIII.

Zilberman (2003) destaca que, os primeiros livros para criança foram produzidos no século XVIII, se difundindo no século XIX e consolidando-se no século XX. Esta literatura veio da tradição oral de se contar histórias para as crianças.

A finalidade inicial da literatura infantil era difundir valores de um novo modelo familiar com foco na criança. Com isso, tanto a escola como a literatura voltaram-se para a valorização da infância. Entretanto, existiam dois tipos de literatura bem diferentes entre si, para crianças das classes menos favorecidas contavam-se ou liam histórias de aventuras, lendas que formavam uma literatura de cordel, já as crianças da nobreza eram oferecidas as leituras de clássicos, sendo orientadas por professores.

De acordo com Coelho (2000), com a denominação da concepção de criança, a literatura que era destinada ao público adulto sofreu alterações sendo adaptadas para as mesmas. As obras de Charles Perrault e os irmãos Grimm se tornaram conhecidas em todo o mundo (obras como: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, a Bela Adormecida, entre outras). A difusão da literatura

infantil se iniciou na Inglaterra, através de fábulas (mais tarde se transformaram em contos de fadas), que transmitiam a moral, pois continha valores burgueses, patriarcais e cristãos.

Sendo assim, os primeiros escritos para crianças foram os contos de fadas, com intuito principal de educá-las, já que tinham bases morais.

Os livros infantis no Brasil iniciaram suas impressões em 1808, porém, a literatura infantil brasileira aparece no final do século XIX com Monteiro Lobato sendo o pioneiro em livros exclusivo para criança. Sobre o referido autor, CHAVES (2009, p. 518) diz que: “O imaginário de Lobato respeita a criança como um ser sensível, curioso, sendo a infância atravessada, de dificuldades e de problemas”.

Lobato valorizou em seus livros o dialeto popular para destacar problemas sociais, políticos e econômicos fazendo crítica aos mesmos e usando os personagens, para criar uma nova moral. Assim, Lobato revoluciona a literatura tradicionalista daquela época, tornando-se uma referência da literatura infantil brasileira.

Diante do exposto, percebe-se que a literatura infantil transformou e vem se modificando ao longo dos anos, de acordo com a concepção que se tem de criança em cada época histórica. Cresce também como ferramenta de crítica literária, uma vez que, traz temas como gênero, formação da identidade, feminismo, dentre outras questões sociais, tornando-se um instrumento de desconstrução de preconceitos e princípios convencionais vigentes, buscando fazer da sociedade um lugar de respeito às diversidades.

CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO

O tema gênero tem sido grandemente discutido em documentos oficiais utilizados em cursos de formação de professores e no âmbito escolar, contudo, esta suposta abertura da temática traz tabus e preconceitos que estão enraizados neste debate.

Embora a incorporação da perspectiva de gênero esteja presente em registros legais como: Referencial Curricular Nacional, Parâmetro Curricular Nacional e na Constituição Federal de 1988, observa-se uma não efetivação dessas políticas no âmbito escolar e um descaso do estado quanto a isso.

Há uma grande complexidade em se falar sobre gênero na atualidade. Deste modo, muitas vezes as famílias adotam uma postura repressiva que condena as demonstrações sexuais infantis, reprimindo a curiosidade natural da criança, levando as mesmas a acreditar em histórias irreais que acaba se tornando uma verdade para essa criança, que não tem a explicação correta para sanar sua dúvida.

Vista a problemática atual de se falar sobre gênero, destaca-se que é importante para o desenvolvimento da criança ter as respostas corretas para seus questionamentos, pois é através das explicações que ela (a criança) se apropria da identidade cultural, percebendo-se como indivíduo em um determinado lugar no mundo.

Posto isto, para desconstruir preconceitos e equívocos que foram historicamente construídos sobre gênero, não basta que se tenham documentos oficiais, mas exige tempo, conhecimento, planejamento, trabalho coletivo e um envolvimento da sociedade em geral.

Um grupo, categoria ou família que tenham características semelhantes é denominado pelo senso comum como sendo de mesmo gênero, exemplo disso são os filmes que podem ser do gênero: dramático, ação, comédia, romance, dentre outros. A música tem os gêneros musicais como: samba, clássico, romântico, eletrônica, etc.

Segundo Oliveira e Knoner (2005), por volta de 1975 o termo gênero começou a ser usado em pesquisas que buscavam entender como as diferenças sexuais interferiam na formação da sociedade. Por meio da classificação por gênero criam-se conceitos culturais que identificam pessoas de sexos diferentes, estes conceitos são ensinados desde a infância e vão perpetuando com o passar dos anos. Conforme Nogueira (2001, p. 9) gênero abarca as “características psicológicas, sociais e culturais que são fortemente associadas com as categorias biológicas de homem e mulher”. Já para Scott:

[...] gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é causa originária da qual a organização social poderia derivar: ele é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. (SCOTT, 1995, p. 15)

Tal autora defende que gênero não é determinado pelo sexo, este está apenas incluído em um sistema de relações que envolve, a maneira como o indivíduo se identifica e deseja ser percebido pelos outros.

Portanto, o termo gênero pode ser estabelecido e restabelecido devido sua complexidade. No Brasil o termo gênero surgiu com o objetivo de diferenciar lugar de masculino e feminino, verificando a distinção entre os indivíduos e como estas (diferenças) se davam em várias situações do cotidiano. Esta nova visão de gênero começou a ser usada pelo movimento feminista, à adoção desta nova perspectiva (de gênero) em relação ao sexo nega a existência de um determinismo biológico. As referências sobre o que é feminino fazem parte do que é masculino, colocando ambas vertentes como correlativas. Deste modo o entendimento de gênero refere-se a um conceito de relação, uma vez que, o mundo masculino está incluído no mundo feminino.

Percebe-se assim, que gênero trata de junções de poder entre mulheres e homens em uma sociedade, sendo uma produção social que se modifica culturalmente.

DESCRIÇÃO HISTÓRICA DE GÊNERO

Os movimentos feministas lutavam pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, pois estas eram consideradas inferiores ao homem, e uma das reivindicações era o acesso ao mercado de trabalho. Devido às guerras mundiais do século XX que causaram a redução da mão de obra masculina e a pressão contínua feita por mulheres dos movimentos feministas, as mesmas conquistaram o direito de trabalho.

A partir de então as lutas por direitos iguais para as mulheres se intensificaram ainda mais, foi criado o Partido Republicano Feminino, com o qual, conquistaram o direito de votar e serem votadas.

De acordo com Oliveira e Knoner (2005), é notório o posicionamento político do movimento feminista, isso pode ser percebido em sua argumentação, revelada pela ideia de que a mulher não deve ser subordinada ao homem em razão da dissemelhança entre os sexos, sendo estas características distintas de cada pessoa.

Percebe-se que a classe feminina através dos movimentos feministas obteve no decorrer dos anos ganhos, entretanto, alguns espaços sociais permanecem sobre o controle masculino, ficando claro a necessidade de debates e estudos que busquem a igualdade entre mulheres e homens. Com estas discussões em torno do movimento feminista as mulheres ganharam a visibilidade que lhe fora negada durante décadas, e esta visibilidade traz consigo a problemática das questões de gênero.

Embora mulheres e homens sejam biologicamente diferentes, não são desiguais no que diz respeito aos direitos. Porém, constantemente, a classe feminina se vê obrigada a seguir um padrão masculino para ter a conformidade de direitos. Com a busca pela uniformidade de direitos criou-se o desacerto de que mulheres e homens tem uma mesma natureza, houve uma banalização das diferenças. Segundo Frazão e Rocha (2005, p. 28), “Quando as diferenças entre feminino e masculino são suprimidas, impedimos a constituição de uma identidade em consonância com a identidade de gênero, o que gera conflito tanto intrapsíquicos quanto relacionais”.

Nota-se que, mesmo com todo o avanço da classe feminina, ainda se vivenciam, diariamente, situações em que referências masculinas são colocadas acima das femininas,

revelando inúmeros obstáculos em relação à dominação masculina a serem vencidos para que se tenha uma igualdade de direitos.

Diante do exposto observa-se que, o uso do termo gênero para denominar as diferenças entre mulheres e homens surgiu com os movimentos feministas da segunda metade do século XX. O uso deste termo causou interrupção do modelo tradicional, visto que, ao reconhecer a esfera “gênero” caminha-se para o entendimento da igualdade social entre mulheres e homens.

Entende-se assim que, a palavra gênero constitui-se a partir de momentos históricos, da organização familiar, de leis específicas, e das diversas aprendizagens que o ser humano veio acumulando com o passar dos anos, ou seja, gênero foi construído socialmente dentro de um contexto histórico, tornando-se com isso uma disposição dos fenômenos emocionais, no qual sexo é apenas o aspecto anatômico do indivíduo.

GÊNERO E LITERATURA INFANTIL

A sociedade constrói e legitima representações femininas e masculinas, define papéis específicos para mulheres e homens, ocasionando situações de desigualdade entre os mesmos.

Posto isso, percebe-se o desafio da educação para trabalhar questões ligadas ao gênero dentro do contexto escolar. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (1997, p. 144), “[...] a discussão sobre relações de gênero tem como objetivo combater as relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação”. Entende-se assim, que o conhecimento se dá através da interação e convívio social.

Sendo o aprendizado construído por meio de vivências e interação, os professores devem ter o preparo adequado para trabalhar a temática (gênero) na sala de aula, visto que, o educador reflete sua maneira de compreender as relações entre mulheres e homens. Salienta-se que gênero deve ser debatido com as crianças desde a Educação Infantil, uma vez que, este estudo auxiliará na construção da identidade além de desestruturar preconceitos.

Neste contexto a literatura infantil aparece como mediadora das relações de gênero que foram produzidas pela sociedade. É por meio das histórias que as crianças são levadas a fazer relação com as realidades vivenciadas, criando um ambiente de respeito à diversidade. Sobre isso Abramovitch afirma que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas

provocam em quem as ouve com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar [...] Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVITCH, 1989, p. 17).

Percebe-se que as histórias trazem personagens envolvidos em um enredo e estas (histórias), se contadas de maneira correta pelo educador, levam as crianças a demonstrarem suas emoções abrindo espaço para se discutir e refletir sobre gênero. Percebe-se assim, que os livros literários trazem vivências humanas importantes para o aprendizado.

Atualmente a literatura infantil conquistou seu espaço e hoje privilegia discussões sobre temas diversos, como é o caso das questões de gênero, o qual nota-se produção considerável, isso se deve a cultura atual, linguagens diversificadas, as novas representações sociais de família e criança. Embora se tente evitar tratar de temas ligados a gênero ele é trazido à tona pelas vivências cotidianas.

Cabe enfatizar a relevância do acesso na escola e fora dela a uma literatura que contenham estas representações não sexistas e que propõem diálogos sobre identidade de gênero, sexualidade, marcadores sociais e desigualdades de gênero, contribuindo assim, para uma educação de aceitação e respeito às diversidades presentes em nossa sociedade. Deixar de falar a respeito de gênero com as crianças representa a perda de aprendizagens sobre diferenças, autonomia e identidade.

Entretanto, é perceptível que a criança apenas será capaz de refletir sobre a temática proposta por meio da intervenção do professor e de questionamentos didáticos, ou seja, somente com a leitura não há reflexão, deve ser feito uma contextualização que interligue os assuntos tratados à realidade da criança, enfatizando assim, o papel educativo da literatura infantil, visto que, esta proporciona a reflexão dos conflitos humanos desde a primeira infância, desenvolvendo senso de humanização e cidadania.

RELAÇÕES DE GÊNERO NAS NARRATIVAS DA LITERATURA INFANTIL

A separação entre feminino e masculino é utilizada como justificativa para as desigualdades de gênero. Neste sentido entende-se gênero como sendo o modo social de perceber-se mulher ou homem. A maneira como os aspectos sexuais são reconhecidos e representados na história de uma sociedade dará apoio a este estado (mulher ou homem).

As relações de gênero precisam ser percebidas para que possam ser discutidas e problematizadas principalmente nas ações pedagógicas. Colocam-se padrões ditos próprios para meninas e meninos determinando regras de comportamentos. Espera-se das meninas comportamentos ligados à afetividade, romantismo, passividade, submissão, delicadeza, dentre

outras. Sobre os padrões femininos, WHITAKER (1995, p. 43) complementa que “As meninas devem estar sempre limpinhas, perfumadas e artificialmente enfeitadas, sob a pena de que se não for assim, não serão amadas”.

A dicotomia entre mulheres e homens se inicia desde a gestação da criança, quando se define o enxoval rosa para as meninas e azul para os meninos. A internalização sobre o que é considerado adequado ou não para cada gênero, ocorre durante todo o desenvolvimento da criança, repassando as ideias estigmatizadas de que: menino é forte e menina é frágil; homem não chora; mulher é delicada, dentre outros conceitos.

Nota-se que os modelos de gênero são reproduzidos e reforçados por vários ambientes sociais, dentre eles estão escola, meios de comunicação e a família.

Além dos lugares sociais existem também as ferramentas culturais, exemplo disso são os livros infantis que, por vezes, são utilizados para construir e perpetuar comportamentos considerados padrões a serem seguidos, porém, os mesmos (padrões) reforçam a desigualdade de gênero, naturalizando a mesma. Segundo Pires:

[...] o masculino e o feminino são representados na maior parte das imagens de uma única forma mostrando, de maneira geral, o homem como energético, forte, racional, ousado, atrevido e a mulher como passiva, frágil, sentimental, doméstica e comportada. Essa forma de referir-se à mulher pode ser vista principalmente na representação visual das mães, pois elas são talhadas como exemplos de proteção, carinho e ternura. Comumente é associada a imagens femininas uma ideia leve, suave, meiga, comportada, como o tipo ideal de feminilidade. [...]. (PIRES, 2009, p. 168).

Portanto, na sociedade estão presentes os princípios aceitáveis que irão nortear as identidades de gênero das crianças. A literatura infantil é um dos meios pelos quais a cultura espalha referências de personalidades. A seguir são analisadas duas obras da literatura infantil, uma tradicional: A Bela Adormecida e outra contemporânea: A Princesa Sabichona, nas quais observam-se os papéis ocupados por feminino e masculino, situações que levam a problematização de gênero a partir dos livros infantis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DISCUTINDO AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS OBRAS INFANTIS

A Bela Adormecida é um conto de fadas clássico, a versão mais conhecida foi escrita pelos Irmãos Grimm nos séculos XVII e XVIII. Em síntese, trata-se de uma história na qual, a personagem principal é uma princesa (Aurora) bonita, boa, gentil e carinhosa, por este motivo

era adorada por todos os súditos. Entretanto, devido a um feitiço da décima terceira fada, por não ter sido convidada pelo rei a festa de batizado da pequena princesa, ao completar quinze anos Aurora se fere com o fuso de uma roca, não morre como desejara a décima terceira fada, por causa da intervenção da décima segunda fada que modifica o feitiço. Ao invés de morrer Aurora e todos do castelo dormirão profundamente por cem anos, um sono que só seria despertado após um príncipe beijar a princesa Aurora.

Nas aldeias vizinhas todos conheciam a história da princesa adormecida, a mais bela e doce das princesas, injustamente castigada por um destino cruel. Alguns cavalheiros audaciosos tentaram chegar ao castelo para dar o beijo que despertaria a princesa Aurora e todo o castelo, porém, nenhum havia conseguido e alguns sacrificaram a própria vida.

Até que um dia chegou naquelas terras um jovem príncipe, bonito e corajoso, que sabendo a história da bela adormecida decidiu ir até o castelo. No dia que o príncipe foi até o castelo completava os exatos cem anos do feitiço, sendo assim, o príncipe não encontrou nenhum obstáculo pelo caminho e foi entrando no castelo a procura da bela adormecida. Enfim, chegou ao local onde a princesa Aurora dormia. O príncipe ficou deslumbrado, a princesa estava tão bela, com os cabelos soltos, espalhados no travesseiro, o rosto rosado e risonho, o príncipe inclinou-se e deu um beijo na princesa Aurora.

No instante em que recebeu o beijo, Aurora acordou e sorriu para o príncipe. Todos do castelo acordaram a vida voltara ao normal. O príncipe casou-se com a bela adormecida, pois a mesma já estava apaixonada pelo seu valente salvador e viveram felizes para sempre.

Neste conto de fada percebe-se claramente a idealização do papel feminino de uma mulher submissa e frágil que deve ser protegida por um homem, o qual a conduzirá. Verifica-se como a história propaga ideias machistas carregadas de desigualdades de gênero, pois o príncipe (homem) da história além de libertar a princesa do sono profundo ainda se casa com a mesma lhe garantindo a felicidade para o resto da vida. Digno, corajoso e autoritário, o príncipe também tem um modelo de beleza a ser seguido, exerce um papel de herói ao salvar a princesa Aurora.

A relação amorosa aqui também é representada como o único caminho para a felicidade. Batista ressalta ainda que:

A princesa passa a ser a representação de um prêmio, o objeto a ser recebido pelo homem forte e corajoso que vê, em sua prenda, o protótipo da fragilidade uma vez que, ela não poderia se desprender das garras do mal. Sendo assim, as questões da subordinação da mulher ao homem, conforme a ideologia patriarcal podem ser vislumbrada nos contos de fadas que primarão por traçar estereótipos que reforcem

Destaca-se com isso que, a cultura presente em algumas obras infantis contribui para reforçar ideias de beleza e submissão feminina, ao passo que as meninas são incentivadas a serem delicadas e frágeis, os meninos são instruídos para vencer, proteger, dentre outras ações “másculas”.

Todavia, o inverso acontece nos novos contos da literatura infantil, um exemplo é a história da Princesa Sabichona, escrita por Babette Colle. A protagonista desta história é uma princesa que não queria se casar, gostava de ser solteira, mas tinha muitos pretendentes, príncipes que a galanteava, entretanto, a princesa queria fazer sua própria vontade e viver tranquila no castelo cuidando de seus animais. O rei e a rainha ao descobrir que a filha não desejava se casar, pressionaram a Princesa Sabichona que acabou concordando em se casar, porém só se casaria com o pretendente que passasse em todas as provas que ela determinaria.

E assim, fez Vários testes inimagináveis, que colocava a mostra cada pretendente. Para seu espanto, apareceu o príncipe Fanfarrão que conseguiu realizar todos os desafios. Contudo, quando a princesa deu-lhe o beijo por ter sido o vencedor, para o susto de todos, ele (príncipe Fanfarrão) vira uma rã berrugenta. Assim, nasce à lenda que os beijos da princesa transformam em rãs os príncipes, e por isso ninguém mais se candidata à vaga de marido, ficando a princesa na companhia de seus bichos e solteira como ela sempre quis, vive feliz para sempre.

Neste conto, realça-se a atitude da mulher, ou seja, a forma como a princesa Sabichona é decidida e tem iniciativa. A história apresenta modos diferentes de ser mulher e homem. Observa-se nessa história uma princesa diferente, determinada e trabalhadora, pois dá banho em animais maiores que ela, atividade reconhecida como sendo masculina (trabalho duro e sujo). Percebe-se um final de história em que se inverteu os padrões de masculinidade, aqui o príncipe virou um sapo.

Ademais, as novas histórias infantis não só invertem modelos, mas, realiza transgressões contemporâneas importantes, como uma princesa (mulher) que prefere ficar solteira. Desconstruindo padrões de gênero, mostrando que se podem experimentar novas formas de ser mulher e de ser homem.

Assim sendo, a literatura infantil é de grande relevância para o desenvolvimento da criança. No entanto, cabe lembrar que algumas narrativas constroem ou reforçam desigualdades de gênero.

As histórias presentes nos livros infantis não são neutras, elas espalham modelos de comportamentos. No conto: A Bela Adormecida percebe-se as personificações de estereótipos

masculino e feminino, condutas pautadas no gênero que intensificam a submissão da mulher a dominação do homem.

Verifica-se que a literatura infantil produz verdades, ensina-se o correto e incorreto, o que é ruim ou bom. Os novos contos de fadas como: A Princesa Sabichona revela referência de gênero que contrapõe o da Bela Adormecida, os papéis: feminino e masculino assumem uma outra postura, demonstrando as várias possibilidades de gênero, garantindo a criança novos parâmetros de homem e mulher, não mais um único modelo a ser seguido. Peters (2000) observa que, esta produção de referências (representações) gera modos julgados como aceitáveis de ser e estar, propondo verdades e construindo identidades.

Posto isso, enfatiza-se a necessidade das crianças terem acesso a estas novas representações de gênero, para que percebam que há várias maneiras de serem felizes, bonitas, bem sucedidas e aceitas, ou seja, não há um padrão, cada indivíduo pode ser protagonista de sua própria história, tendo em vista que, essa nova realidade contribuirá para uma sociedade livre de desigualdades e preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo apresentado salientaram-se as representações de gênero presentes na literatura infantil e como estas interferem no comportamento e, conseqüentemente, na personalidade da criança. Destacou-se a importância da literatura infantil para o desenvolvimento (na fase da infância), entretanto, observa-se o uso desta literatura de modo equivocado, sem um preparo ou reflexão, acaba por propagar estereótipos de gênero, fortalecendo uma sociedade machista cheia de pré - julgamentos.

Em alusão as duas obras usadas como exemplos (A Bela Adormecida e a Princesa Sabichona), constatou-se que a literatura infantil tanto pode ser usada como ferramenta pedagógica de desconstrução de preconceitos de gênero quanto pode perpetuar atitudes e comportamentos machistas, no qual, o masculino está acima do que é feminino.

Mesmo que tímido, há um aumento considerável no número de livros infantis que tratam das relações de gênero, visto que, a diversidade de gênero se constitui como desafio para a sociedade e, por conseguinte, para os ambientes escolares, isso se deve as novas representações familiares, ou seja, os indivíduos levam as vivências pessoais para todos os lugares que frequentam. Contudo, ainda existem ambientes sociais tradicionalistas que não aceitam as mudanças ideológicas, inclusive algumas escolas que tentam permanecer omitindo a questão de gênero ao não abordar sobre o assunto com responsáveis e alunos.

Sabe-se que a literatura retrata o momento histórico vivido pela sociedade, desta forma, observa-se que ainda nos dias atuais é disponibilizado ao público infantil um grande número de contos de fadas do século XVII, os quais são, em sua maioria, repletos de rótulos. Percebe-se assim, que há uma falta de responsabilidade social e um direcionamento adequado dos professores acerca do tema em cursos de formação/especialização.

Histórias como: Cinderela, A Bela Adormecida, dentre outras representam o momento histórico passado, ao qual não será negado, porém, em virtude da nova realidade sociocultural em que vivemos, faz se necessário que também haja uma renovação literária, na qual as obras infantis recentes ocupem cada vez mais espaço, pois estas demonstram a diversidade de gênero presente na atualidade, dando visibilidade para grupos sociais antes esquecidos e reprimidos.

O objetivo deste estudo foi alcançado por meio da pesquisa bibliográfica, com a qual foi possível descrever o percurso histórico da literatura infantil, examinar a relação existente entre a mesma (literatura) e gênero (menina/menino), além de identificar as contribuições da respectiva literatura para a desconstrução de preconceitos em relação à diversidade de gênero.

O presente artigo verificou ainda, a dificuldade de se trabalhar nas escolas, livros que trazem como tema as relações de gênero, ressaltando que o fato de ler histórias sobre este assunto não criará por si só uma consciência crítica a respeito do mesmo, visto que, deve haver uma mediação que leve a reflexão desenvolvendo o respeito à diversidade de gênero.

Portanto, lidar com a diversidade de gênero por meio da literatura infantil, revela-se como um desafio cheio de possibilidades, cabendo a todos nós ligados a área da educação, encontrar e desenvolver ações que levem a efetivação deste objetivo.

Sendo assim, esta pesquisa não termina aqui, foram feitas apenas as primeiras considerações, abrindo-se espaço para contribuições futuras, a fim de que, haja a conscientização da importância de uma literatura infantil na qual a criança se reconheça.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVITCH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BATISTA, E. R. **A Cinderela sob a perspectiva de gênero**. 2011, v. 13.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília. MEC/SEF, 1997.

CHAVES, I. M. A. **Imaginário e literatura infantil: imagens e simbolismo**. Educação, S. M, v.34, n3, p. 513-528, set/dez 2009. Disponível em:

<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/1612/907> Acesso em: 10 de set. 2023.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COLE, B. **A Princesa Sabichona**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRAZÃO, L. M.; ROCHA, S. L. C. de O. **Gestalt e Gênero: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade**. Campinas: Livro Pleno, 2005.

Leitura do conto de fadas 'A Bela Adormecida'. Disponível em: <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=15#ixzz3BcdkojQL>. Acesso em: 10 de set. 2023.

NOGUEIRA, C. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, A. S.; KNONER, S. F. **A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia**. Blumenau: FORB, 2005.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIRES, S. M. F. **Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...: o amor romântico na literatura infantil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SCOTT, J. A. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: UFGS, 1995.

WHITAKER, D. C. A. **Menino – Menina: sexo ou gênero?** In: SERBINO, R. V. & GRANDE, M. A. R. L.(Orgs). **A escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural**. São Paulo: editora da UNESP, 1995. p. 31-52.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.